

NIETZSCHE E A NECESSIDADE DOS ANTAGONISMOS EM SUA "FILOSOFIA DA EFETIVIDADE"

MARIONI FISCHER DE MELLO - mestranda em Filosofia - UNIOESTE/CAPES.
marionimello@hotmail.com

Resumo: Ao tomar a vida enquanto critério em direção à elevação do homem, Nietzsche reivindica o reconhecimento da efetividade. É um modo de filosofar que se antagoniza à metafísica dogmática que o filósofo intenta legar ao porvir em Além de bem e mal (*Jenseits von Gut und Böse*). Nietzsche irá se colocar como "arqueiro da efetividade", cuja meta é tensionar irremediavelmente o arco e lançar sua seta, renunciando e possibilitando o surgimento dos espíritos livres, cuja força plástica seja capaz de absorver e incorporar as contradições, os aparentes antagonismos da efetividade. O objetivo é mostrar que nessa nova concepção nietzschiana de filosofia, suscitada pela fisiopsicologia que orienta sua teoria dos impulsos, instituindo a doutrina da vontade de potência como interpretação de mundo antagônica à metafísica, se reconhece uma autêntica "filosofia da efetividade".

Palavras-chave: Fisiopsicologia; Antagonismos; "Filosofia da Efetividade".

Zusammenfassung: Als Nietzsche das Leben als Kriterium zur Erhebung des Menschen nimmt, erhebt er in Anspruch die Anerkennung der Wirklichkeit. Es ist eine Weise des Philosophierens, die der dogmatischen Metaphysik antagonisiert, die der Philosoph in *Jenseits von Gut und Böse* die Zukunftvererber versucht. Nietzsche stellt sich als „Bogenschütze der Wirklichkeit“, dessen Ziel es ist, endgültig den Bogen zu spannen und seinen Pfeil abzuschließen. So prognostiziert und ermöglicht er die Entstehung freier Geister, deren plastischen Stärke im Stande ist, die Widersprüche – die scheinbaren Antagonismen der Wirklichkeit – zu absorbieren und zu integrieren. Das Ziel ist es zu zeigen, dass diese neue Nietzsches Konzeption von Philosophie – erweckt durch die Physiopsychologie, die seine Theorie der Impulse orientiert, indem sie die Lehre vom Willen zur Macht als antagonistische Deutung der Welt hinsichtlich der Metaphysik errichtet – sich als authentische „Philosophie der Wirklichkeit“ erkennt.

Palavras-chave: Physiopsychologie; Antagonismen; "Philosophie der Wirklichkeit".

I - O caráter perspectivo e antagonístico que forja o espírito livre capaz de protagonizar uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”

Num apontamento particular do outono de 1887, Nietzsche formula um diagnóstico em relação ao problema do século XIX:

Seu lado forte e seu lado débil se pertencem mutuamente. Está talhado numa só peça. Se a diversidade de seus ideais, sua contradição, dependem de um fim superior, enquanto algo superior. – Porque crescer nessa medida, numa violenta tensão, poderia ser a *predestinação à grandeza*. A insatisfação, o niilismo *poderia ser um bom signo* (KSA 9 [186], outono de 1887)¹.

O fragmento evidencia o cerne da problemática nietzschiana que se pretende abordar nessa investigação. É a heterogeneidade dos ideais em voga na modernidade e a contradição entre eles, a tensão extrema na qual se antagonizam que, uma vez sendo explorada ao máximo poderá, quiçá, fomentar e aglutinar numa síntese uma força e saúde futuras. Para Müller-Lauter (2009, p. 34) é essa a convicção de Nietzsche. Percebe-se, na referência a essa “síntese” – tomada enquanto “*um bom signo*” – o sentido da necessidade da estimulação de uma atuação sob a forma de uma força plástica coercitiva, uma força maleável capaz de homogeneizar uma composição criativa e afirmadora da vida, mediada a partir de diferentes tensões integralizadas, moldadas artisticamente por aquilo que poderia se chamar de “estilo”, conforme Nietzsche sucessivamente logra referenciar em sua obra. Isso porque que o filósofo emprega seus esforços no sentido da tarefa de propiciar o surgimento de novos filósofos, enquanto espíritos livres capazes de operar a partir da síntese – assim concebida – rumo à meta de vivenciam uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”², que apenas mediante a

¹ Será adotado neste estudo o padrão de abreviaturas das obras de Nietzsche tal como convencionado pelos *Cadernos Nietzsche* a partir da edição crítica das obras completas organizadas por Colli e Montinari (KSA). As siglas em português sucederão as siglas em alemão visando facilitar a leitura. Para os fragmentos póstumos, os algarismos arábicos indicam o número do caderno e o fragmento póstumo, seguido do período de elaboração, de acordo com a edição *Kritische Studienausgabe* (KSA).

² *Wirklichkeit* – termo usual alemão para designar o “real”, a “realidade”; do verbo *wirken* (fazer efeito), que em linguagem filosófica designa, especificamente, a atuação da causa (eficiente) na produção do efeito (*Wirkung*). Nietzsche faz questão dessa derivação, já desde o texto de 1873 em que cita, a propósito de Heráclito, esta passagem de Schopenhauer: “Causa e efeito são, portanto, toda a essência da matéria. Seu ser é seu efetuar-se. É com o maior acerto, portanto, que em alemão o conjunto de tudo que é material é denominado *efetividade*, palavra que o designa muito melhor do que realidade” (Cf. *A filosofia na Época trágica dos Gregos*, § 5). Aqui, como no § 54 de *A Gaia Ciência* (“Aparência, para mim, é o próprio eficiente [*Wirkende*] e vivente”), assimila-se ainda a este sentido aquele em que se diz, por exemplo, “frase de *efeito*” ou, na linguagem do cinema, “*efeitos especiais*” (Nota do tradutor Rubens Rodrigues Torres Filho em Nietzsche, *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 197). De acordo com nota de Paulo César de Souza (1998, p. 158), “Nietzsche usa duas palavras, uma latina, a outra alemã – dois adjetivos substantivados –, que designam a mesma coisa. Ou quase: *wirklich* corresponde ao verbo *wirken*, que significa ‘atuar’, ‘ter efeito (*Wirkung*)’ sobre a realidade (*Wirklichkeit*). Logo a *Wirklichkeit* é o campo de atuação do ser; tem um sentido mais ‘ativo’ que a ‘realidade’ latina.” De acordo com Frezzatti (2010a, p. 224) “A efetividade (*Wirklichkeit*) enquanto realidade contrapõe-se conceitualmente à *Realität*. O radical *Res* (coisa, substância, ser) pressupõe a crença na existência de ‘coisas’ e de ‘seres’ que permaneçam imutáveis. Por exemplo, na *Crítica da Razão Pura*, de Kant, o fenômeno mutável tem como contrapartida imutável a coisa-em-si. Por outro lado, o radical *Wirk* remete-nos ao verbo alemão *wirken* (efetivar-se, fazer efeito, produzir), o que pressupõe entender o mundo

elaboração e incorporação de tal “estilo” será possibilitada. Daí é que parte a convicção de Nietzsche apontada por Müller-Lauter. Nesse sentido, pode-se reportar a Frezzatti, no texto *Apia frauss (mentira piedosa) sob a perspectiva da Genealogia da Moral: Vontade de Potência e mito*, ao explicitar que, ao representar algo universal, o mito dá significado à existência:

O homem teórico tem um vaguar desregrado, suas produções são justificadas por mediações abstratas que, no fundo, não têm sentido e nenhum significado. A cultura teórica não tem origem fixa e sagrada e está condenada a esgotar todas suas possibilidades sem dar significados a elas e a importar de modo aleatório outras culturas, tornando-se uma mescla cultural sem estilo (FREZZATTI, 2008, p.278).

É nesse contexto que o espírito livre, representado pelos filósofos do futuro, torna-se imprescindível à Nietzsche. Ao possibilitar o terreno fértil donde essa nova estirpe florescerá, é deles que o filósofo está convicto de que reverberará e se organizará sob a forma de um “grande estilo” a tensão que agora projeta com sua teoria dos impulsos (*Triebe*)³, a qual crê que sejam efetivamente capazes de protagonizar. Reconhecida tal necessidade, em *Além de bem e mal*, Nietzsche irá se colocar como “arqueiro da efetividade (*Wirklichkeit*)”, cuja meta é tensionar irremediavelmente o arco e lançar sua seta, renunciando e possibilitando o surgimento dos espíritos livres, cuja força plástica seja capaz de absorver e incorporar numa síntese – compreendida como um estilo – as contradições, os aparentes (se pensados a partir da lógica) antagonismos da efetividade (*Wirklichkeit*), vivenciando uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”.

É esse novo modo de filosofar que – ao reivindicar o reconhecimento da efetividade (*Wirklichkeit*), tomando a vida enquanto critério em direção à elevação do homem – se antagoniza à metafísica dogmática⁴, que Nietzsche intenta legar e, também, pelo qual busca suscitar o surgimento dos espíritos livres. Nessa concepção nietzschiana de filosofia – suscitada pela teoria dos impulsos (*Triebe*), pela qual revela seu pensamento da doutrina da vontade de potência (*Wille zur Macht*) – se reconhece essa autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”. Assentada nas vivências singulares, significadas mediante diferentes perspectivas pelo organismo que, nos conflitos inapreensíveis que

como um processo contínuo, o qual, no caso de Nietzsche, está ligado às necessidades de crescimento de potência”.

³ Em termos da vontade de potência instinto (*Instinct*), afeto (*Affekt*), impulso/ pulsão (*Treib*) e força (*Kraft*) tem o mesmo significado: tendência a crescimento de potência.

⁴ Embora considerando as demais concepções de metafísica concernentes à história da filosofia, para a presente investigação, será levada em conta a concepção metafísica de Nietzsche, que consiste fundamentalmente na admissão do aspecto transcendente que opera a cisão entre o suposto “mundo real” e o “aparente”. Aspecto sucessivamente apontado criticamente por Nietzsche em seus escritos e deflagrado, fundamentalmente, no diálogo socrático-platônico do *Fédon*, que, em virtude disso, o transcurso dessa pesquisa terá como referência. Desse modo, torna-se relevante destacar aqui que as alusões concernentes a esfera transcendente e sua compreensão como expressão fundamental do conceito de metafísica e, em virtude disso, as críticas aqui dirigidas à metafísica dogmática têm como referência tal compreensão nietzschiana do conceito de metafísica.

reconfiguram suas múltiplas vontades de potência antagonônicas, interpreta, é por essa “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” que os espíritos livres poderão empreender sua experimentação criadora enquanto tentativa recorrente de significar o mundo.

II - O contexto experimental do pensamento nietzschiano e as supostas contradições de sua filosofia

No contexto experimental, característico do pensamento de Nietzsche, se posicionam muitos comentadores ao buscar determinar as supostas incoerências que fariam de Nietzsche um pensador contraditório. Nesse sentido, ao próprio filósofo é possível atribuir tal responsabilidade, assinalando o fato para o qual chama atenção Müller-Lauter, ao enfatizar que Nietzsche denomina “com o mesmo conceito universal particularidades distintamente avaliadas ou avaliar de forma contrária um estado de coisas segundo sua relação com outros estados de coisas, ou seja, caracterizá-lo em vista dos diferentes aspectos que lhe são próprios” (MÜLLER LAUTER, 2009, p. 28-29). Com isso, Müller-Lauter quer destacar um aspecto relevante do pensamento de Nietzsche, que permite compreender passagens aparentemente contraditórias de sua filosofia. Para melhor elucidação dessa perspectiva, pode-se reportar como exemplo à questão da *pia frauss* (mentira piedosa), abordada por Frezzatti no texto intitulado “A *pia frauss* (mentira piedosa) sob a perspectiva da *Genealogia da moral*: vontade de potência e mito”. Dada a relevância da compreensão desses supostos antagonismos, que Müller-Lauter caracteriza como meramente aparentes, considerou-se pertinente reportar-se a alguns aspectos apontados por Frezzatti no referido texto e que corroboram no sentido de exemplificar essa questão.

Conforme elucida Frezzatti, a concepção de *pia frau*s pode ser considerada por Nietzsche distintamente, isto é, dependendo da sua articulação com o contexto fisiopsicológico que evidencia, ou seja: se irrompe de uma configuração instintual afirmadora da vida e, portanto, capaz de potencializá-la, garantindo a elevação do homem e suas produções, ou insurgindo-se como postulado que justifique as crenças morais que visam a meramente preservar a perspectiva de manutenção e sobrevivência de configurações declinantes. “Embora tanto a potencialização quanto o declínio das forças se utilizem da *pia frau*s” (FREZZATTI, 2008, p. 264), “a finalidade da *pia frauss* faz toda a diferença, ou seja, se ela é contra ou a favor da prosperidade da vida, isto é, da potencialização dos impulsos humanos” (FREZZATTI, 2008, p. 272). Trata-se, portanto, de um dos inúmeros antagonismos apenas aparentes, referenciados por Müller-Lauter, ao qual Frezzatti chama a atenção na sequência de seu texto, ao alertar:

Tomemos cuidado, pois, na crítica que faz a esse tipo de mentira [*pia frau*s como negação do vir-a-ser e da multiplicidade], Nietzsche não retrocede em sua desconstrução da verdade absoluta. [...] O que está em questão não é a produção de verdades ou de mentiras ou o procedimento de criação de valores, mas o solo do qual estes brotam, a que modo de existência estão a serviço. A guerra dos espíritos livres contra a *pia frau*s se dá porque ela, no desenvolvimento europeu, favorece a

interpretação moral do mundo (FREZZATTI, 2008, p. 269).

Ao apresentar essa dupla e, aparentemente, antagônica perspectiva da *pia frauss*, Frezzatti alerta, ainda, para o procedimento genealógico utilizado por Nietzsche, elucidando-o enquanto “investigação que se centra na produção humana de valores, e, por isso, histórica e psicofisiológica” (FREZZATTI, 2008, p. 264). Explicita que, mediante tal prerrogativa, Nietzsche logra afastar-se da utilização de conceitos metafísicos transcendentais no estudo sobre a origem da moral (cf. FREZZATTI, 2008, p. 264). É a rejeição da psicologia tradicional (*bisherige Psychologie*), calcada nos pressupostos morais atrelados a uma esfera transcendente que preconiza um modo de proceder absoluto e, portanto, desvinculado das relações dinâmicas da efetividade (*Wirklichkeit*) que fundamenta as críticas contundentes de Nietzsche à metafísica. Nesse sentido, o distanciamento que Nietzsche tomará da metafísica enquanto afirmação da esfera transcendente, apenas poderá ser legitimado e alcançado de maneira efetiva mediante a elaboração de uma perspectiva antagônica àquela da psicologia tradicional (*bisherige Psychologie*) que a orientava. Enquanto teoria dos impulsos (*Triebe*), a doutrina nietzschiana da vontade de potência (*Wille zur Macht*) – que Frezzatti propõe que seja pensada como interpretação, sob o *status* “de um mito doador de sentido e não de uma doutrina que pretende descrever o mundo de modo verdadeiro” (FREZZATTI, 2008, p. 264) – é possibilitada pela investigação das manifestações sintomáticas das alterações das configurações instintuais, mediante o procedimento fisiopsicológico que Nietzsche redefine ao adotar da psicologia experimental francesa do final do século XIX.

É a fisiopsicologia que lhe permite a formulação da teoria dos impulsos (*Triebe*), pela qual sua doutrina da vontade de potência (*Wille zur Macht*) – enquanto mito filosófico doador de significado – conforme a perspectiva sugerida por Frezzatti (cf. FREZZATTI, 2008, p. 280), pode ser compreendida e protagonizar uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”, que ao ser efetivamente vivenciada venha a operar como o antagonismo a partir do qual Nietzsche poderá contrapor a metafísica em seu mascaramento da efetividade (*Wirklichkeit*). É inclusive, no sentido de considerar a fisiopsicologia nietzschiana como possibilitadora do encaminhamento de sua teoria dos impulsos (*Triebe*), via espíritos livres, rumo à experiência de uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” que se compreende as palavras de Frezzatti, quando enuncia que “a fisiologia de Nietzsche, portanto, é uma tentativa de ultrapassamento do dualismo metafísico da Filosofia e da moral européias, uma tentativa de colocar a vivência (*Versuch*) antes do discurso racional” (FREZZATTI, 2008, p. 274).

Se na metafísica dogmática a cisão da efetividade (*Wirklichkeit*) opera pela dualidade das instâncias imanente e transcendente, cindindo o mundo em aparência e realidade, acessadas pelas dicotomias corpo/alma, fisiologia/psicologia, operando a partir da segunda é pela fisiopsicologia, que Nietzsche instaura como procedimento antagônico à psicologia tradicional (*bisherige Psychologie*), que poderá apresentar sua doutrina da vontade de potência (*Wille zur Macht*) enquanto mito doador de significado, numa interpretação de mundo antagônica à metafísica. Como uma teoria dos impulsos (*Triebe*) que visa a uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”. Para tanto, tenha-se em

conta que esses impulsos (*Triebe*) não são nem substância corporal nem pensante, portanto, nem fisiológicos, tampouco psicológicos, mas reportam-se a outra instância.

Impensada, até então, a instância instintual que Nietzsche identifica atuando de modo subjacente e inapreensível, que se dá, portanto, à revelia da esfera consciente, antecede às manifestações que diagnostica enquanto sintomas. Esses sintomas são, portanto, fisiopsicológicos não porque simplesmente fundem as tradicionais instâncias fisiológica e psicológica; não porque meramente invertem a oposição absoluta entre a dualidade de opostos qualitativos postulada pela metafísica, numa suposta inversão do platonismo; mas porque não procedem de nenhuma dessas vias reconhecidas, até então, pela metafísica, e pelas quais eram classificados. Desconsiderada a origem instintual – agora identificada por Nietzsche – esses sintomas que, ao longo da história do pensamento metafísico ocidental foram classificados mediante a ruptura da efetividade (*Wirklichkeit*) operada pela conformação do homem e do mundo a partir das esferas imanente e transcendente, que cindiu o homem em corpo e alma e o mundo entre realidade e aparência, eram descritos de acordo com aquela classificação, como pertinentes a esfera fisiológica ou psicológica.

Se a psicologia atuou, até então, como o procedimento que orientou a filosofia na busca pelas verdades absolutas da metafísica, a fisiopsicologia nietzschiana, ao operar a partir das manifestações sintomáticas provenientes das alterações dinâmicas das configurações instintuais, apresentará uma diferente concepção de verdade. Uma verdade desvinculada dos preconceitos morais que fundaram a metafísica em sua orientação psicológica alicerçada naquilo que Nietzsche considera o preconceito da “alma”. A verdade, na concepção nietzschiana, passa a ser a perspectiva instantânea e cambiante na qual se orienta momentaneamente o organismo em suas relações dinâmicas de domínio. É a perspectiva que se configura, que se apresenta momentaneamente, ou seja, num instante específico, como viabilizadora do domínio ao qual se exorta cada uma das múltiplas vontades de potência em seus embates concomitantes. É nesse sentido que Frezzatti identifica a função do mito, que “não se propõe a ser um discurso sobre o real ou verdadeiro” (FREZZATTI, 2008, p. 278).

A partir de referências das obras publicadas e dos apontamentos particulares de Nietzsche, Frezzatti explica que o filósofo alemão atribui ao mito a representação da universalidade da efemeridade do homem, dando significado à sua existência. Embora, em sua forma, esse significado varie de cultura para cultura, seu conteúdo é universal ao afirmar o fluxo eterno de movimento do qual participamos (cf. FREZZATTI, 2008, p. 278). É nesse sentido que o comentador elucida que, para Nietzsche, o mito “dá unidade a todo um movimento cultural” e que sem ele “toda cultura perde sua força criadora” (FREZZATTI, 2008, p. 278).

Ao propor o *staus* de um mito doador de significado à doutrina nietzschiana da vontade de potência (*Wille zur Macht*), Frezzatti o faz no sentido de indicar que ela se afasta da intenção metafísica de uma doutrina que pretende descrever o mundo de modo verdadeiro. Ao opor-se a pretensão metafísica que pretende essa descrição do mundo de modo verdadeiro, Nietzsche não pode permanecer operando mediante os procedimentos dogmáticos que conduziram a filosofia até então. A

possibilidade apontada por Frezzatti, nesse sentido, se justifica, uma vez que visa salvaguardar a teoria dos impulsos (*Triebe*) nietzschiana de interpretações nesse sentido, conforme aclara na conclusão do referido texto:

Se entendêssemos a doutrina das forças como fundamento ontológico ou explicativo do mundo, qual seria o sentido das críticas nietzschianas ao mecanicismo e à ciência? Considerar que a Vontade de Potência e o Eterno Retorno descrevem o mundo como ele realmente é seria abusar do pensamento nietzschiano porque estaríamos introduzindo elementos, tais como a verdade absoluta e a dualidade aparência/realidade, que Nietzsche se esforça para superar. Talvez devêssemos entender esses dois conceitos como criações que, tal qual o mito trágico e a *pia fraus* da ascensão de potência, dão um significado ao mundo, à existência e ao homem: propiciam a superação contínua das produções humanas, ou seja, permitem o desenvolvimento das múltiplas capacidades criadoras do homem (FREZZATTI, 2008, p. 280).

Diante dessas considerações quanto à dupla perspectiva da *pia fraus* tomada enquanto exemplo dos antagonismos aparentes da filosofia de nietzschiana, apontados por Müller-Lauter, acredita-se ter podido aclarar de que modo esses antagonismos caracterizam-se como meramente aparentes. Diferentemente das dualidades de opostos qualitativos absolutos preconizados pela metafísica, tais antagonismos servirão de referência numa escala quantitativa que permitirá aferir o grau de negação ou potencialização da vida enquanto solo do qual brotam tais concepções, conforme explica Frezzatti:

Apia fraus serve a esses dois modos de existência, e daí vem a maneira dupla com que Nietzsche a trata. Essa duplicidade não é a mesma da tradição metafísica, que considera o par bem/mal, por exemplo, como dois pólos opostos, absolutos, imutáveis, eternos e qualitativos. Os modos de existência são considerados na filosofia nietzschiana como casos de uma escala quantitativa contínua: mais ou menos hierarquização e mais ou menos potência – não há uma dualidade metafísica (FREZZATTI, 2008, p. 273).

A referência “mais ou menos” utilizada aqui por Frezzatti, longe de ter uma conotação ambígua, justifica-se, dada a dinâmica que opera caracterizando tais processos em efetivação. As alterações dinâmicas concomitantes que ocorrem nas simultâneas reconfigurações desses processos inapreensíveis não permitem sua descrição enquanto forças em efetivação, se não de modo relativo. A atuação processual e incessante, característica da vontade de potência (*Wille zur Macht*), é o próprio antagonizar-se das múltiplas *quali* por mais *quantas*, mediante perdas e ganhos impossíveis de serem quantificados de modo absoluto. Pelos sintomas detectados através da fisiopsicologia, só é possível uma relativa inferência que reportará a um grau também relativo, pois sempre mutável de força, em

tese, impossível de ser apreendido e, portanto, descrito de modo mais específico do que pela solução empregada por Frezzatti.

Se igualamos e fixamos, para darmos conta de administrar o caos da efetividade (*Wirklichkeit*) inapreensível da qual participamos – e Nietzsche reconhece nisso uma utilidade prática da qual homem necessariamente precisa servir-se – alerta, contudo, que não percamos de vista seu uso meramente prático e sua condição necessária para a comunicação. Daí a considerar o processo dinâmico da efetividade (*Wirklichkeit*) passível de ser apreendido para uma manipulação que se exima de reconhecer tal dinâmica, é que recaem as mais severas críticas nietzschianas. Atento àquilo que ele mesmo postula, é que Nietzsche, por reiteradas vezes, poderá ser incompreendido em suas tentativas de expor suas ideias mais elementares. Desbravando um território até então insondado, o “arqueiro da efetividade (*Wirklichkeit*)” não disporá de elementos lingüísticos capazes de dar conta da empreitada inédita na qual se lança. Quiçá, para tal propósito, também seja necessário o tempo de maturação de sua teoria dos impulsos (*Triebe*) rumo a uma “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”, na qual os espíritos livres do porvir possam dar conta também de tal responsabilidade. De todo modo, desapegado a conceitos metafísicos que definem de modo absoluto a efetividade (*Wirklichkeit*) em sua dinâmica processual, não restará a Nietzsche se não confiar na interpretação dos espíritos livres que doravante perscrutam seus escritos. Muitos dos antagonismos aparentes da filosofia nietzschiana têm relação com tal procedimento, do qual não se pode eximir, tampouco culpar o filósofo, uma vez que ele mesmo assevera: “Infelizmente não temos nenhuma palavra para designar o que é efetivamente existente” (KSA 40 [8], agosto-setembro de 1885), e ainda: “não há nenhum caminho que leve do conceito à essência das coisas” (KSA 7 [185], fim de 1870-abril de 1871). É nesse sentido que Müller-Lauter alerta:

Quando quer manifestar-se sobre isso, apesar de sua convicção muitas vezes expressa da “incomunicabilidade das concepções últimas”, o filósofo tem de se servir tanto das palavras do uso lingüístico cotidiano, quanto da linguagem tradicional da metafísica que combate. Assume seus conceitos, sem julgar que, com eles, se poderia “compreender” algo por completo. [...] Nietzsche rejeita, por isso, todas as palavras, na medida em que, com elas, se enfatiza a pretensão do conceito, e faz uso delas apenas como “símbolo”. Elas devem apenas *referir* estados de coisas. É preciso seguir esse seu caráter referencial, não se pode fixar-se incondicionalmente a elas. É preciso deixar o “conceitual” atrás de si, a fim de chegar ao que “efetivamente existe” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 54).

Ao reconhecer que Nietzsche emprega palavras como *símbolos* para referir-se àquilo que escapa à denominação, rejeitando-os tão logo sejam pensados como conceitos, o comentador ainda atribui esse procedimento nietzschiano àquelas palavras com as quais o filósofo distingue o *modo de ser* do verdadeiramente efetivo: impulso, força, afeto (cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 55).

Reporta-se a diferentes passagens dos apontamentos particulares de Nietzsche para fundamentar essa ideia. Passagens, estas, que dada relevância para a compreensão do tema em questão, considera-se imprescindível transcrever aqui: “Instinto não é mais que uma transposição para a linguagem do sentimento a partir do que não se sente” (KSA 7 [25], primavera-verão de 1883). “Jamais se constatou uma força, apenas efeitos traduzidos numa linguagem completamente estranha” (KSA 2 [159], outono de 1885-outono de 1886). “Os afetos são uma construção da inteligência, uma *invenção de causas* que não existem” (KSA 24 [20], inverno de 1883). “É preciso negá-los e tratá-los como erros do intelecto” (KSA 24 [21], inverno de 1883). Se Müller-Lauter (cf. 2009, p. 55) considera essas afirmações de Nietzsche como destruições das conceptualizações metafísicas, reconhece, no entanto, que o filósofo por vezes retoma as determinações formais do efetivo, afirmando que isso ocorre quando Nietzsche o caracteriza como “*quanta* dinâmicos”, que “estão numa relação de tensão com todos os outros *quanta* dinâmicos”, conforme afirma o filósofo num fragmento póstumo da primavera de 1888 (KSA 14 [79]).

Müller-Lauter reconhece, ainda, que “não se pode entender “conceitualmente” tal modo de falar”, mas afirma que “tomando-se esse modo de falar como ponto de partida, é possível, contudo, elaborar por completo o que é próprio dos antagonismos efetivos de Nietzsche” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 56). Se, conforme afirma Müller-Lauter, não se pode entender “conceitualmente” tal modo de falar utilizado por Nietzsche ao referir-se aos *quanta* dinâmicos em relação de tensão com outros *quanta* dinâmicos, torna-se ainda mais persuasiva a hipótese sugerida por Frezzatti ao propor compreender a vontade de potência (*Wille zur Macht*) enquanto “mito doador de significado”.

III - Das contradições lógicas aos antagonismos efetivos da vontade de potência (*Wille zur Macht*)

Já no início do primeiro capítulo da obra anteriormente referida, intitulado “A aparência dos antagonismos e os antagonismos efetivos da vontade de potência”, Müller-Lauter chama a atenção para aquilo que dificulta a discussão quanto à problemática dos antagonismos no pensamento de Nietzsche: o fato de que, no tocante admissão dos antagonismos de sua própria filosofia, o filósofo parecer manifestar-se também de maneira antagônica. Isto porque o filósofo afirma a fecundidade de alguém rico em antagonismos (cf. GD/CI, Moral como contranatureza, § 3), assumindo que eles pertencem uns aos outros de maneira complementar, deixando subentendido que tais antagonismos devam ser fomentados, ampliando a tensão capaz – nas palavras de Müller-Lauter (2009, p. 40) – de fazer emergir o *homem supremo*.

A aparente contradição, da qual Nietzsche, porventura, poderia ser acusado nesse sentido, reside no fato do filósofo contestar, paradoxalmente, que se possam admitir antagonismos na efetividade (*Wirklichkeit*) em geral, conforme o faz num apontamento particular do outono de 1887, quando enuncia: “Não há nenhum antagonismo: somente a partir daqueles da lógica é que transferimos o conceito de antagonismo – falsamente às coisas” (KSA 9 [91] do outono de 1887). Se Nietzsche

nega as contradições da lógica, às quais afirma serem oriundas da necessidade humana de tornar o mundo calculável, simplificado, compreensível (cf. KSA 9 [144], do outono de 1887), tratando-se, assim, nas palavras do próprio filósofo (cf. idem), de “introduzir uma falsa realidade por baixo de uma ficção”, são os próprios antagonismos da efetividade (*Wirklichkeit*) – aqueles que Nietzsche considera imprescindíveis na radicalização da tensão rumo ao surgimento do “homem supremo” – mencionado por Müller-Lauter – que as supostas contradições da lógica suprimem e dissimulam. É nesse sentido que o comentador adverte que “um mundo meramente aparente é apresentado como verdadeiro e posto acima da efetividade: a lógica degenera-se em doutrina-de-dois-mundos, em metafísica” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 44). Isso se dá porque somos nós que, de acordo com Nietzsche, introduzimos os postulados da lógica no acontecer. Para Müller-Lauter, “Nietzsche protege das pretensões da lógica o antagonismo que, segundo ele, é próprio do efetivo. Com isso, fica bem evidente para o filósofo que, do postulado lógico da não contradição emerge apenas um antagonismo aparente, que, no entanto, mascara o efetivo caráter antagonístico da vida” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p.45).

A efetividade (*Wirklichkeit*), para Nietzsche, se dá mediante os antagonismos efetivos das múltiplas vontades de potência em luta, que ocasionam as mudanças configuracionais responsáveis pelo acontecer. E esse antagonismo efetivo, necessário e responsável pela unificação do devir, passa a ser mascarado pelas contradições lógicas que introduzimos na efetividade (*Wirklichkeit*) para dar conta de encontrar uma pretensa correspondência entre os fatos. Nessa perspectiva, não há um sujeito lógico capaz de dar conta da unificação do acontecer. Para Nietzsche, esses antagonismos efetivos, ou seja, imanentes à efetividade (*Wirklichkeit*), residem – nas palavras de Müller-Lauter (cf. 2009, pp. 46-47) – “nas oposições concretas em que o mundo desde sempre se desdobrou e continua a desdobrar-se”. E são esses antagonismos das múltiplas vontades de potência em constante embate, inerentes à efetividade (*Wirklichkeit*), que possibilitam o fio condutor, a mediação do acontecer que é dada por diferenças de graus, não enquanto antagonismos absolutos que se contrapõe mutuamente. Longe de excluírem-se mutuamente, tais antagonismos efetivos, admitidos por Nietzsche, são, antes, derivados uns dos outros (cf. JGB/BM § 2).

A permanência, a igualdade consigo mesmo, o ser não é inerente nem ao que se chama sujeito nem ao que se chama objeto: são complexos do acontecer aparentemente duradouros em contraste com outros complexos – por exemplo por uma diferença no *tempo* do acontecer, (repouso-movimento, fixo-cambiante: todas oposições que não existem em si e com as quais, de efeito, só se expressam *diferenças de grau* que se apresentam como oposições para uma determinada medida de ótica. Não há opostos: temos o conceito de oposição somente a partir dos opostos da lógica – e a partir deles o temos trasladado falsamente para as coisas (KSA, 9 [91], do outono de 1887).

Nesse contexto, os antagonismos efetivos sustentados por Nietzsche são aqueles das múltiplas vontades de potência em embate nas suas relações dinâmicas efetivas. Antagonismos a partir dos quais

a fisiopsicologia nietzschiana irá inferir os concomitantes e sucessivos “deslocamentos” quantitativos de forças nas respectivas reconfigurações a partir das quais poderá pressupor as diferentes gradações às quais se reporta. Desvencilha-se, assim, dos antagonismos metafísicos da lógica, que apenas permitiam pensar a partir de opostos qualitativos absolutos, passando a compreender a efetividade (*Wirklichkeit*) em suas relações dinâmicas expressas por gradações quantitativas interdependentes em suas relações processuais.

Nietzsche justifica, contudo, que o aparente antagonismo que percebemos atuando na efetividade (*Wirklichkeit*) se faz notar, uma vez que constituímos as coisas a partir da lógica, da qual necessitamos para o ordenamento do mundo. Nesse sentido, as reconfigurações das forças em atuação dinâmica – dadas nossas vãs, contudo, necessárias tentativas de apreendê-las e conformá-las – insurgem-se mediante aquilo que somente podemos compreender ante uma suposta ordenação que carece manifestar-se por uma aparência de meio e fim que determina, em última instância, que as percebamos como conflituosas e nesse sentido, como oposições qualitativas absolutas. O que há, no entanto, é um *continuum* que, para além de possibilitar o trânsito entre esferas apenas aparentemente autônomas e apartadas de modo qualitativo absoluto, permite pensar numa instância unificada, na qual sucessivas gradações quantitativas são constantemente geradas, modificando a estrutura dinâmica das configurações de forças que constituem o organismo sem, contudo, alterar sua essência – entendida enquanto vontade de potência (*Wille zur Macht*) em efetivação.

As variações quantitativas de forças que ocorrem concomitantemente entre as múltiplas configurações de forças que constituem o organismo, manifestam-se enquanto nuances sintomáticas capazes de serem inferidas mediante o procedimento fisiopsicológico que Nietzsche emprega, possibilitando que sejam pensadas mediante diferenças de grau, ao invés de serem entendidas como opostos qualitativos absolutos. É a atuação processual antagônica das múltiplas vontades de potência se efetivando que tem lugar em todo o acontecer. É esse antagonismo efetivo entre as múltiplas vontades de potência que perfaz e integra todo acontecer, e não um sujeito autônomo, diz Nietzsche um apontamento particular (cf. KSA, 9 [91], do outono de 1887), e continua em outro excerto do mesmo apontamento:

Que a aparente “*finalidade*” (“a FINALIDADE *infinitamente superior a toda arte humana*”) é meramente a conseqüência dessa vontade de potência que tem lugar em todo acontecer/ que o *devir mais forte* leva consigo ordenamentos que se assemelham a um projeto com uma finalidade/ que os aparentes *fins* não são intencionais, porem, uma vez que se alcança o predomínio sobre um poder inferior e este último trabalha em função do maior, um ordenamento da *hierarquia*, da organização tem que despertar a aparência de um ordenamento de meio e fim./ contra a aparente “*necessidade*”/ – esta é só uma *expressão* de que uma força não é também outra coisa./ Contra a aparente “*finalidade*”/ – esta última é só uma *expressão* de um ordenamento de esferas de poder e de sua interação (KSA 9 [91], do outono de 1887).

É esse antagonismo efetivo que mantém o múltiplo unificado, garantindo o acontecer em processo. “A sucessão constitui-se pela contraposição de uma multiplicidade de forças [...] tal oposição dos impulsos, isto é, forças, é a condição de todo acontecer” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 51). Suprime-se, assim, a pretensa estabilidade de um sujeito enquanto substrato, em prol da aceitação do “caráter antagonico da existência como facticidade, como dado último (que, em sua concreção, escapa às tentativas de apreensão), sem com isso revertê-lo num dualismo metafísico ou um pensamento sistemático” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 48). O pretense “eu”, enquanto ser fixo e idêntico a si mesmo, que é dado pelo pensamento, provém da crença numa suposta unidade que manteria integrados momentos distintos da experiência humana que pretensamente torna objetiva a confusão de sensações que constituem a realidade efetiva. Remetidas a um fundamento comum, a multiplicidade dessas experiências, reportadas àquela pretensa objetividade – inventada como uma ficção estabilizadora – sugere apontar uma causa na qual o sujeito é caracterizado como um substrato capaz de agregar tais estados, igualando e ordenando múltiplos processos dinâmicos em efetivação. Mas o indivíduo, para Nietzsche, enquanto ser singular, “é o precisamente o processo completo em linha reta” (KSA 9 [30] do outono de 1887). É transformação incessante a partir de si próprio, sem nenhum lastro permanente que o fundamente (cf. MÜLLER-LAUTER, 2009 p. 50).

O próprio pensamento inventa o “eu” enquanto instância fixa, visando a igualar e ordenar elementos processuais pré-individuais inapreensíveis – com os quais, no entanto, precisa lidar – visando a acomodar a multiplicidade dada mediante o turbilhão de sentimentos experienciados, que são anteriores a essa suposta autoidentificação (cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, pp. 49-50). No entanto, o pensamento mesmo, para Nietzsche, é caracterizado como uma multiplicidade de processos ulteriores, que constituem apenas a expressão sintomática de processos que o antecedem (cf. KSA 2 [146] outono de 1885-outono de 1886). Tais processos são caracterizados por Nietzsche como interação e luta entre uma pluralidade de sujeitos que se dá anterior e aleatoriamente ao nosso pensamento e consciência (cf. KSA 40 [42] de agosto-setembro de 1885). Se Nietzsche entende “a luta enquanto origem das funções lógicas” (KSA 25 [427], da primavera de 1884), uma vez que esta luta constitui os antagonismos anteriores a qualquer lógica, justifica-se a importância que Müller-Lauter atribui a esses que considera, a partir de Nietzsche, os antagonismos efetivos.

IV - A vontade de potência (*Wille zur Macht*) enquanto *quali* que protagoniza as relações antagonicas entre os *quanta* dinâmicos

Conforme enuncia Müller-Lauter (2009, p. 56), “o conjunto do acontecer, que nós denominamos “eu”, nada mais é que uma concreção particular de vida”. Nietzsche define a vida – e com isso a própria efetividade (*Wirklichkeit*) – como processos incessantes de oposições de forças. A multiplicidade das pontuações instáveis de forças que se opõe, alterando-se mutuamente, constituem o *quali* que ao se reorganizar nas relações de tensão às quais protagoniza, redefine os *quantas* de forças das configurações que participam do todo efetivo. Trata-se de forças atuando sobre forças, que

reconfiguram-se simultânea e mutuamente nessa oposição. Daí tal antagonismo ser absolutamente necessário, configurando a própria possibilidade do processo do devir. A essas múltiplas pontuações ou configurações de forças, que em suas relações dinâmicas transformam-se a si próprias, ao passo em que determinam as alterações de todas as demais, Nietzsche designou “vontade de potência” (*Wille zur Macht*). Para que possam se antagonizar, engendrando o acontecer em processo, é imprescindível que compartilhem dessa mesma qualidade, compreendida enquanto uma essência comum. Essa multiplicidade de forças que se antagonizam, ou seja, as múltiplas vontades de potência – enquanto qualidade comum em efetivação – são entendidas em suas configurações, ou seja, em suas pontuações de forças – enquanto *quantas* dinâmicos. Por compartilharem da mesma qualidade – entendida enquanto essência comum – participam de um mesmo campo relacional de forças, no qual, a constante tensão produzida faz com que as configurações de forças se redefinam mútua e incessantemente.

Em suma, Nietzsche reconhece a vontade de potência (*Wille zur Macht*) como razão e caráter último de toda alteração (cf. KSA 14 [123] da primavera de 1888), atribuindo-lhe, ainda, no parágrafo 186 de *Além de bem e mal* o *status* de essência do mundo. Mundo que só pode ser concebido ao considerar-se a vontade de potência (*Wille zur Macht*) enquanto qualidade comum a todos os *quanta* dinâmicos em embate por mais *quantas* dessa *quali*, ou seja, por mais da propensão por potência que os constitui (vontade de potência (*Wille zur Macht*)), num campo relacional cuja tensão interna opõe essas pontuações ou configurações de *quali* (vontade de potência (*Wille zur Macht*)) entre si continuamente, reconfigurado-as constantemente ante o próprio processo da luta.

Os processos antagônicos, protagonizados pelas múltiplas vontades de potência (*quali*) em relação de tensão no campo relacional considerado constituem, assim, a própria dinâmica da efetividade (*Wirklichkeit*). Daí a importância desses antagonismos efetivos que se dão na luta velada entre as múltiplas vontades de potência (consideradas enquanto pontuações ou configurações de forças da mesma *quali*) em efetivação ocasionando mudanças intrínsecas e extrínsecas à configuração considerada. É esse processo que garante e determina que a efetividade (*Wirklichkeit*) seja compreendida mediante gradações múltiplas de uma mesma *quali* que, ao se oporem, redefinem seus *quantas* e não como oposições de opostos qualitativos absolutos, conforme postula a metafísica. É nesse sentido, ainda, que os aparentes opostos absolutos, preconizados pela metafísica, são compreendidos por Nietzsche como sendo derivados uns dos outros, e não mais concebidos como oposições qualitativas absolutas. É essa luta que, além de desconsiderada – uma vez que desconhecida – é mascarada pelos processos lógicos que são equivocadamente considerados anteriores à realidade efetiva, quando, para Nietzsche, somos nós que introduzimos seus pressupostos no acontecer.

A importância da compreensão desses antagonismos efetivos, referendados por Müller-Lauter, é que eles protegem a “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” de Nietzsche de interpretações que, por ventura, possam considerar que as próprias configurações de potência em efetivação desdobrem-se sobre si mesmas, angariando potência de um suposto processo que se desse isolado do campo relacional do qual participam e que as transformasse quantitativamente a partir de si próprias. Que

postulasse que essa *quali* se conformasse quantitativamente por si só. A vontade de potência (*Wille zur Macht*), compreendida como essência comum aos múltiplos *quantas*, só pode efetivar-se ante os antagonismos efetivos que reconfiguram o conjunto inteiro do campo relacional do qual participam, ocasionando mudanças concomitantes. Ela não pode angariar potência a partir de si mesma. Ela não existe e não se expressa isoladamente, ou seja, por si mesma. É nesse sentido que ela significa um enquanto qualidade comum ao todo, mas não é um. “Toda unidade só é unidade enquanto *organização e jogo de conjunto* [...]; portanto uma *formação de domínio*, que *significa* algo uno, porém não é uno (KSA 2 [87] do outono de 1885-outono de 1886). E é nesse sentido que ela se afasta, paradoxalmente, da metafísica, conforme elucida Müller-Lauter, ao destituir a compreensão da vontade de potência (*Wille zur Macht*) enquanto um “princípio” metafísico no sentido tradicional:

De fato, Nietzsche fala num “princípio”; mas, como com todas as outras palavras, ele busca, com sua ajuda, designar o dado último; também este não pode ser mal entendido no sentido de um conceito. Também a palavra “princípio” lhe serve apenas como meio com o qual ele busca avançar no ainda não dito [...] o autor de *Zarathustra* não busca, de maneira alguma, deduzir o múltiplo a partir de um princípio; ao contrário, para ele tudo o que é simples se apresenta como produto de uma multiplicidade efetiva (2009, p.66).

Nietzsche nega uma relação de ação e reação na manifestação desses *quantas* dinâmicos em antagonismo, uma vez que ao exercerem-se em contraposição mútua, geram mudanças concomitantes que se expressam tanto em sua própria configuração que se redefine, quanto simultaneamente transformando todo o campo relacional compreendido enquanto um sistema que ao autorregular-se também se autoredefine. Cada conjunto de impulsos (*Triebe*), que constitui, assim, uma configuração de forças, redefine a cada instante sua própria perspectiva a partir do modo como é afetado em suas relações dinâmicas com os demais conjuntos de impulsos (*Triebe*) ou configurações de forças. É isso que caracteriza a multiplicidade aleatória de meios de expressão inerentes a cada uma dessas configurações. Não há como prever ou caracterizar tais processos configuracionais determinando-lhes as gradações que só serão dadas na efemeridade do instante em que já outras e sucessivas transformações lhe acometem. É a isso que Nietzsche se reporta ao afirmar que

Em cada um de nossos impulsos básicos há uma estimativa perspectivista diferente de todo acontecer e toda vivência. Cada um desses impulsos se sente, em referencia a cada um dos outros, inibido ou favorecido, beneficiado, cada um tem sua própria lei evolutiva (suas subidas e descidas, seu tempo, etc.) – e um perece quando o outro cresce. “*O homem é uma multiplicidade de “vontades de potência”*”: cada uma com uma multiplicidade de meios expressivos e formas (KSA 1 [58] do outono de 1885-primavera de 1886).

Se o que condiciona a dinâmica da efetividade (*Wirklichkeit*) é a relação de reciprocidade, na qual os múltiplos são interdependentes, não se trata de uma “raiz metafísica” que Nietzsche pretende afirmar “com seu discurso da unidade do múltiplo”. Se a vontade de potência (*Wille zur Macht*) “visa ao que lhe opõe”, todavia “o que pode opor resistência a ela só pode ser, em todo caso, vontade de potência (*Wille zur Macht*)”. Sendo assim, “toda manifestação da vontade de potência (*Wille zur Macht*) pressupõe uma multiplicidade”. A efetividade (*Wirklichkeit*) à qual se reporta a filosofia de Nietzsche é, assim, a da multiplicidade de vontades de potência se efetivando mediante antagonismos inter-relacionados. O traço comum que as caracteriza, no entanto, não pode ser reduzido “à simplicidade de um princípio fundante”, uma vez que “essa qualidade existe somente na pluralidade das diferenças quantitativas” (cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 67). Ela só pode ser caracterizada como vontade de potência (*Wille zur Macht*) quando considerada a partir da contraposição que possibilita seu engendramento, ou seja, ante os antagonismos que possibilitam as mudanças dinâmicas que são, enfim, aquilo que a constitui. Embora se movendo aos saltos, no sentido de não respeitar, necessariamente, uma mudança gradual linear progressiva ou regressiva nos *quantas* dinâmicos em efetivação, são os antagonismos em permanente tensão nas configurações das múltiplas vontades de potência em efetivação que garantem a processualidade do devir. Se entendermos, finalmente, que os *quantas* de *quali* antagonizam-se em suas relações de tensão, demandando sua própria reorganização, que se dá em fluxo contínuo, “migrando” conforme as múltiplas e sempre cambiantes determinações que advêm do próprio campo processual do qual participam sem, contudo, poderem ser consideradas isoladamente desse complexo, podemos entender em que medida a “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” de Nietzsche se afasta e até mesmo se contrapõe à metafísica dogmática.

V - A “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” enquanto interpretação a ser autenticamente vivenciada pelos espíritos livres

Restituir a verdade ao seio da efetividade (*Wirklichkeit*): esta a tarefa inicial à qual, necessariamente, Nietzsche precisa dedicar-se numa etapa corrosiva de seu empreendimento filosófico rumo a uma “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”. A crítica à metafísica dogmática, inábil no trato para com a verdade, mostra-se necessariamente vinculada à postulação de sua teoria dos impulsos (*Triebe*), da sua doutrina da vontade de potência (*Wille zur Macht*). Esta, por sua vez, só pode ser compreendida mediante o reconhecimento e admissão das configurações impulsivas antagônicas que possibilitam pensá-la e enunciá-la.

Inferir, entretanto, a atuação dinâmica desses impulsos (*Triebe*) em efetivação, trazer à tona a essência da vontade de potência (*Wille zur Macht*) exercendo-se enquanto qualidade presente nos processos mútuos e concomitantes de assimilação e repulsão na conformação das configurações sempre mutáveis de forças de um mesmo organismo que, enquanto multiplicidade, não pode ser concebido como uma unidade substancial ou subjetiva, só se faz possível mediante uma “morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência” (*Morphologie und Entwicklungslehre* dès *Wilens*

zur Macht) (JGB/BM § 23). É essa “morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência” (*Morphologie und Entwicklungslehre des Willens zur Macht*), enquanto aquilo que Nietzsche redefine como “fisiopsicologia”, que possibilita a investigação desses processos. É no modo como se manifestam as configurações desses impulsos (*Triebe*) em suas relações dinâmicas instáveis, ou seja, se hierárquica ou desordenadamente, que Nietzsche pode propor diagnosticar a saúde que intensifica a força vital ou a doença que acomete, degenerando o organismo investigado.

Dado que tais processos, em si mesmos, se acham imperscrutáveis, conforme afirma Nietzsche ao enunciar que “a ignorância certa em que se mantém o regente acerca das funções individuais e inclusive as perturbações da coletividade formam parte das condições em que se pode governar” (KSA 40 [21], agosto-setembro de 1885), trata-se de uma investigação que só pode ser calcada nos sintomas que se manifestam a partir daquelas reorganizações dinâmicas e inapreensíveis que se dão nos intrincados processos configurativos dos impulsos (*Triebe*) pelos quais o organismo é afetado e aos quais corresponde sem, contudo, tomar consciência. Nesse sentido, pode-se acorrer novamente ao próprio filósofo, quando afirma, ainda, em seus apontamentos particulares que “a palavra “instinto” não é mais que uma transposição para a linguagem do sentimento a partir do que não se sente” (KSA 7 [25], primavera-verão de 1883). Jamais “se constatou uma força”, apenas afirmaram-se “efeitos traduzidos em uma linguagem completamente estranha” (KSA 2 [159], outono de 1885-outono de 1886). São esses efeitos, considerados enquanto sintomas que, enquanto linguagem até então indecifrada, Nietzsche logrará traduzir pelo procedimento fisiopsicológico que inaugura. É nesse sentido que o filósofo alerta que “os afetos são uma construção da inteligência, uma *intervenção de causas* que não existem e que todas as *sensações comuns* do corpo que não compreendemos são interpretadas de forma inteligente, ou seja, se busca nas pessoas, nas vivências, entre outros, uma razão para sentir-se de determinada maneira” (KSA, 24 [20], inverno de 1883).

Se não eram compreendidas as manifestações agora declaradas por Nietzsche como de origem instintual, isso se deve ao fato de tal instância sequer ter sido perscrutada até então. Devido a isso, as manifestações instintuais passavam despercebidas. Difusas, e assim confundidas entre as expressões cunhadas para indicar a dicotomia que antagonizava corpo e alma, seus sintomas eram interpretados equivocadamente como concernentes ao âmbito psicológico ou fisiológico – únicas instâncias reconhecidas pela metafísica; a partir das dicotomias adotadas incondicionalmente pelo pensamento metafísico ao qual Nietzsche se opõe.

É a fisiopsicologia, reelaborada e transposta por Nietzsche para sua filosofia, que possibilitará que as manifestações instintuais que enuncia, e que, até então, não haviam sido pensadas, possam agora ser consideradas e reconhecidas. Por isso é que Nietzsche declara ser preciso que neguemos os afetos e os tratemos como erros do intelecto (cf. KSA, 24 [21], inverno de 1883). Eles não são apreensíveis à esfera da racionalidade, por isso, tampouco comunicáveis – ainda que Nietzsche admitisse que isso fosse possível pela via da linguagem. Uma vez que tal pensamento é inaugural, fora da perspectiva dualista da metafísica, não havia, até então, possibilidade de acessá-los. Dado que

sua atuação era ignorada, sua origem, conseqüentemente era insondada e, sendo assim, tampouco representável – ainda que sob a forma de interpretação de sintomas de processos inapreensíveis, conforme Nietzsche agora propõe e opera. Desse modo é possível compreender que as manifestações sintomáticas das organizações configuracionais desses impulsos (*Triebe*) fossem convencionadas a serem interpretadas exclusivamente sob os cânones da cisão operada pela dicotomia fisiologia/ psicologia. Assim, a instância instintual que Nietzsche agora identifica e caracteriza, bem como a expressão desses processos passou despercebida pela metafísica dogmática.

“Habitualmente experimentamos apenas o resultado da luta: tão rápido e tão oculto opera hoje em nós esse antigo mecanismo”, diz Nietzsche no § 111 da *Gaia ciência*. Se tais processos, em constante mutação e fluxo permanente não podem ser observados ou sequer percebidos pelo homem moderno, como supõe ter sido outrora por organismos humanos que, em virtude dessa mesma condição não se conservaram – como propõe Nietzsche no mesmo parágrafo – suas manifestações sintomáticas, no entanto, podem agora ser inferidas e investigadas mediante o procedimento que inaugura no encaminhamento à sua “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” como sendo uma fisiopsicologia.

Embora inspirado nos estudos das ciências da natureza em voga no final do século XIX, Nietzsche apropria-se momentaneamente da terminologia, afastando-a, contudo, de seu significado original. Por ela refere ao procedimento que vem norteando sua teoria dos impulsos (*Triebe*), numa das inúmeras tentativas de tornar compreensível sua doutrina da vontade de potência (*Wille zur Macht*). Embora se utilizando do procedimento fisiopsicológico – que assim denomina no parágrafo 23 de *Além de bem e mal* – também não institui o termo fisiopsicologia enquanto conceito pregnante no decurso de seu pensamento. Esse efêmero momento de transição no qual lança mão do termo fisiopsicologia, assumindo-o como “morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência” (*Morphologie und Entwicklungslehre des Willens zur Macht*) não pode, no entanto, passar incólume no decurso da tarefa nietzschiana de suscitar o surgimento de novos filósofos, capazes de empreender e vivenciar uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”. Isso porque é a fisiopsicologia, por possibilitar inferir os processos de conformação dos impulsos (*Triebe*) em luta e a dinâmica da luta que provoca alteração da hierarquia desses impulsos (*Triebe*) o que, em última instância, permite investigar, mediante manifestações sintomáticas, os processos inapreensíveis que se dão aleatoriamente nos organismos, tendo o próprio organismo humano como ponto coercitivo de referência. Uma vez que, por sua teoria dos impulsos (*Triebe*), Nietzsche destitui as dualidades corpo/alma, fisiologia/ psicologia, apresentando o corpo (*selbst*), como configuração de impulsos (*Triebe*) em luta por mais potência, é pela posição que o organismo humano ocupa, por sua condição enquanto lugar a partir do qual a perspectiva mundo se lhe apresenta para interpretação, que Nietzsche considera legítimo começar por ele sua investigação:

Partir do *corpo* e da fisiologia: por quê? – A representação correta da índole de nossa unidade subjetiva, é atingida se nos vemos como regentes à frente de uma coletividade, não como “almas” ou “forças vitais” [...] do movimento que

vemos e adivinhamos em qualquer parte do corpo aprendamos a deduzir a vida subjetiva, invisível que lhe corresponde. O movimento é um simbolismo para o olho; indica que algo é sentido, querido, pensado. – O interrogar diretamente ao sujeito acerca do sujeito e o olhar-se a si mesmo seja como for, no espelho do espírito tem o perigo de que para sua atividade poderia ser útil e importante interpretar-se de modo falso. Por isso interrogamos o corpo e rechaçamos o testemunho dos sentidos aguçados [...] (KSA, 40 [21], agosto-setembro de 1885).

A manifestação da instabilidade hierárquica dos impulsos (*Triebe*) que Nietzsche percebe atuando nos organismos, enquanto configurações agônicas é o que lhe permite identificar a vontade de potência (*Wille zur Macht*) como essência em efetivação nesses organismos. Como qualidade comum, inerente aos diferentes *quantas* dinâmicos em relação de tensão. A efetivação da vontade de potência (*Wille zur Macht*) – enquanto qualidade comum compartilhada por cada organismo particular – demanda, contudo, que a totalidade das configurações que o constituem se projetem constantemente umas contra as outras, num embate permanente de forças. Desse embate resultam sempre novas, no sentido de diferentes configurações de impulsos (*Triebe*) a partir da desagregação e assimilação simultâneas desses impulsos (*Triebe*) pelas múltiplas configurações em luta. A vontade de potência (*Wille zur Macht*), nesse sentido é múltipla e só pode dar-se nessa multiplicidade em permanente embate. É vontade permanente de sobrepujar assimilando forças que subtrai, contudo, de outras “vontades de potência”, donde se entende essa multiplicidade como absolutamente necessária, uma vez que somente pode efetivar-se ante um antagonismo entre outra vontade de potência (*Wille zur Macht*) que se lhe opõe, ou seja, outra de si, no sentido de outra que compartilha da mesma qualidade, e, nesse sentido, da mesma essência. É nesse contexto que Müller-Lauter (cf. 1997, p. 86) afirma que as configurações são, segundo sua essência, vontade de potência (*Wille zur Macht*).

Se tais configurações são, segundo sua essência, ou seja, se a qualidade comum que compartilham entre si é vontade de potência (*Wille zur Macht*), é a fisiopsicologia de Nietzsche, enquanto “morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência” (*Morphologie und Entwicklungslehre des Willens zur Macht*), que permite a postulação da própria noção de vontade de potência (*Wille zur Macht*), cuja dinâmica pode, assim, ser inferida, possibilitando a investigação dos sintomas dessas transferências mútuas e sucessivas de impulsos (*Triebe*) entre as configurações em luta no organismo investigado. Para Patrick Wotling (1999, p 23) “é sempre a atividade subterrânea dos instintos que é produtora de sentido”. Nessa perspectiva, pode-se compreender que a fisiopsicologia empreendida por Nietzsche seja o procedimento que permite – se não perscrutar diretamente essa atividade inapreensível produtora de sentido, empreendida pelos instintos, que por oculta, permanece inacessível – pode, entretanto, pelos sentidos produzidos e manifestados pelo organismo enquanto sintomas, inferir as alterações na dinâmica de hierarquização de suas configurações instintuais.

Sendo a fisiopsicologia, mediante os sintomas que detecta manifestando-se nos organismos, o

procedimento que permite inferir os processos aleatórios e imperscrutáveis de intercâmbio de impulsos (*Triebe*) entre as múltiplas configurações na dinâmica da vontade de potência (*Wille zur Macht*) em efetivação, em sua origem, considera-se relevante destacar sua importância na instauração da “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” proposta por Nietzsche. Antagonizando-se ao procedimento dogmático em sua busca pelas verdades absolutas da metafísica, a fisiopsicologia, ao investigar as expressões das configurações instintuais nos organismos possibilitará refletir sobre a metafísica seu próprio reflexo petrificador. Ela apresentará a verdade enquanto criação momentânea e sempre cambiante em suas relações dinâmicas em efetivação.

A fisiopsicologia – enquanto procedimento que prepara e possibilita o desenvolvimento da “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” perpassando-a – ao contrário da metafísica, só admite a verdade como criação seletiva. Como apropriação momentânea e sempre provisória, considerada como interpretação desde uma perspectiva singular, mas sempre movediça que configura transitoriamente uma formação de domínio didaticamente considerada em sua particularidade (o corpo, a metafísica, etc.) em relação à totalidade de forças em relação (o todo efetivo). Totalidade de forças engendradas numa relação que, sendo igualmente sempre mutável, mantém, contudo, o ponto referencial, ou seja, o organismo investigado enquanto configuração singular de forças (*selbst*) do qual parte sua avaliação, sua estimativa em relação aquilo que valora.

Considerando que ao longo da obra publicada Nietzsche refere-se especificamente ao conceito de fisiopsicologia única e exclusivamente no parágrafo 23 de *Além de bem e mal*, postula-se a hipótese de que, conforme torna claro ao longo da própria obra em questão, Nietzsche pretende afastar-se da sucessiva relação entre os conceitos que percebe atuando na metafísica (cf. JGB/BM § 20). Nesse contexto, embora seu significado seja mantido ao longo da obra, o emprego do termo fisiopsicologia, que toma emprestado da incipiente psicologia científica francesa, conferindo-lhe, contudo, uma conotação que venha ao encontro das suas necessidades filosóficas, reveste-se de caráter provisório. Permanecer empregando um termo que, embora indicando uma nova perspectiva, continue evidenciando as dualidades metafísicas ao reafirmá-las integradas num mesmo conceito, do qual se serve, tão somente, ante a necessidade de sua teoria em processo ser compreendida, não seria viável, tampouco coerente com as ambições do filósofo.

Nietzsche adota o termo fisiopsicologia como inferência crucial que permite compreender a ruptura que pretende demarcar com o pensamento metafísico que opera com a cisão entre psicologia e fisiologia, impetrando uma oposição absoluta entre as duas esferas. Distanciando-se, ainda, do sentido em que é empregada na discussão francesa, na qual, de acordo com Frezzatti (2010b), é entendida como uma morfologia de reflexos, que são processos físico-químicos e, portanto, materiais, no parágrafo 23 de *Além de bem e mal*, Nietzsche explicita compreendê-la como morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência (*Morphologie und Entwicklungslehre* dês *Wilens zur Macht*), ou seja, um processo impulsional de crescimento de potência (cf. FREZZATTI, 2010b). Talvez por isso, no transcurso de sua obra filosófica, embora se reportando aos processos instintuais cuja conotação lhe

atribui, Nietzsche considere desnecessário retomar a significação peculiar que lhe confere no referido parágrafo. Abandonar o emprego do termo fisiopsicologia, voltando a referir-se apenas à fisiologia e/ou psicologia, de acordo com seus usos correntes nas atribuições tradicionais em que são empregados, bem como, indiscriminadamente, nas alusões específicas ao processo impulsional de crescimento de potência, conforme a atribuição que lhe confere, não denota, contudo, um afastamento de seu intuito original. Permite, todavia, inferir que o filósofo já se julgue plenamente compreendido em sua intenção crucial de afastar-se das dualidades metafísicas e operar por meio de sua teoria dos impulsos (*Triebe*), permitindo-se, inclusive, o uso de metáforas enquanto imagens-símbolos para representar tais processos.

Basta, para tanto, observar o processo gradual pelo qual passa a enunciação de seu pensamento, que julga alcançar sua plenitude com a publicação de *Assim falou Zaratustra*. Obra na qual as imagens, sucessivamente, operam, no lugar dos conceitos que reiteradamente critica, julgando já haver sua filosofia aberto o caminho para tal superação, como é possível constatar no parágrafo § 3 do capítulo “Assim falou Zaratustra” de *Ecce homo*, no qual o filósofo pondera acerca do modo de expressão empregado em sua elaboração: “A involuntariedade da imagem, do símbolo, é o mais notável; já não se tem noção do que é imagem, do que é símbolo, tudo se oferece como a mais próxima, mais correta, mais simples expressão.”

Pode-se, então, compreender que a “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” – enquanto experiência a ser plenamente vivenciada pelos espíritos livres, aos quais Nietzsche procura suscitar e encaminhar ao longo de sua obra, mediante sua teoria dos impulsos (*Triebe*) – apenas se faz possível pela fisiopsicologia que instaura como procedimento antagônico à psicologia que orientava a metafísica, permitindo que, através dela, a própria metafísica possa ser questionada e refutada em suas bases. Possibilitando a compreensão dos processos relacionais recíprocos entre as múltiplas vontades de potência em efetivação, Nietzsche apresenta uma interpretação de mundo antagônica à metafísica, a qual pode, agora, apresentar como alternativa aos espíritos livres que não encontravam respaldo naquela unívoca concepção de mundo por ela representada.

Se tal interpretação será, efetivamente, capaz de superar indistintamente a metafísica dogmática, ou seja, se no decurso de sua instauração ela será incorporada em sua totalidade e plenitude pela modernidade, ou em que medida isso possa se dar, essa é uma questão que Nietzsche tão somente pode projetar para o porvir. Cumpre, assim, sua tarefa como “arqueiro da efetividade (*Wirklichkeit*)” ao enunciar sua teoria dos impulsos (*Triebe*). A meta final, no entanto, sabe que só poderá ser plenamente atingida depois de uma transição, na qual ela se conduza da instauração do seu pensamento original de uma teoria dos impulsos (*Triebe*), para a ação apropriativa por parte dos espíritos livres, que a farão confluir numa autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”. No momento em que for incondicionalmente adotada, passando a ser efetivamente vivenciada enquanto interpretação de mundo passível de ser experienciada pelo “homem supremo”. Isso, entretanto, irá depender do nível de intensificação de sua afirmação no transcurso da sua incorporação pelos espíritos livres que são por

ela suscitados, e no qual Nietzsche deposita suas mais caras expectativas. É por isso que *Além de bem e mal* se apresenta como o *Prelúdio de uma filosofia do por vir*, ou seja, porque a “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” que Nietzsche prenuncia e prepara só poderá ser efetivamente instaurada mediante esse processo gradual de transformação que, para efetivar-se, carece ser incorporado pelos espíritos livres que o filósofo confia que o sucederão, e para o qual sua teoria dos impulsos (*Triebe*) encaminha.

Se essa interpretação, todavia, pode ou não superar definitivamente a metafísica, essa não é, efetivamente, a preocupação do filósofo. Nietzsche mesmo se exime de valorá-la enquanto superior à metafísica ao colocá-las em paridade enquanto interpretações de mundo no parágrafo 22 de *Além de bem e mal*. Sua contribuição singular consiste, todavia, em possibilitar outra perspectiva, em enunciar outra via pela qual homem e mundo possam ser pensados. Se as forças antagônicas que identifica atuando nos organismos são, de acordo com Nietzsche, imprescindíveis, constituindo a própria efetivação do devir, à sua própria teoria dos impulsos (*Triebe*) é preciso contrapor-se outra perspectiva. Não fora a metafísica dogmática – conforme compreendida por Nietzsche – e, conseqüentemente, a manifestação dos sintomas de decadência que nela pode identificar por sua fisiopsicologia, Nietzsche não teria o antagonismo a partir do qual formular sua teoria dos impulsos (*Triebe*). O grande legado que deixará aos espíritos livres, consiste, portanto, na possibilidade de estabelecerem diferentes relações consigo mesmos e com o mundo mediante esse antagonismo, que agora institui, entre duas interpretações das quais poderá servir-se a humanidade na valoração de suas produções vindouras.

Há que lembrar-se, outrossim, que também para o cultivo dos espíritos livres faz-se necessária a oposição levada a efeito por aqueles organismos ainda condicionados pelo pensamento metafísico dogmático, sem os quais, os espíritos livres não teriam contra o que afirmarem-se. Nesse contexto, a intenção de uma suposta superação metafísica – à qual se pode reportar, ao considerar que Nietzsche reconhece como interpretação a teoria dos impulsos (*Triebe*) possibilitada pela fisiopsicologia que permitirá compreender sua doutrina da vontade de potência (*Wille zur Macht*) – pode ser concebida mediante a possibilidade que instaura de se pensar a vida destituída dos “antigos” preconceitos que foram considerados, até então, enquanto “artigos de fé”. Mediante, enfim, a possibilidade de se pensar a efetividade (*Wirklichkeit*) a partir de seus antagonismos efetivos, destituídos das pretensões da lógica que inocula seus pressupostos no acontecer, sendo estes, no entanto, incorporados posteriormente pela necessidade humana de igualar e fixar aquilo que está em curso no processo mesmo do devir.

Se no processo de elaboração e instituição da teoria dos impulsos (*Triebe*) a metafísica foi colocada sob a mira da flecha nietzschiana da efetividade (*Wirklichkeit*), para a consumação efetiva de sua “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”, a metafísica será, contudo, necessária à Nietzsche enquanto pensamento antagônico que permitirá a afirmação da interpretação que inaugura. Se Nietzsche criticou insistentemente a metafísica no transcurso de seu pensamento, foi, sobretudo, por apresentar-se enquanto única interpretação do homem e do mundo possível, até então, no pensamento ocidental. Foi, fundamentalmente, para mostrar que ela traz em seu âmago as debilidades de organismos decadentes em busca de auto-afirmação para resistirem à dinâmica processual da vida em efetivação.

Ele a combateu justamente para afirmar a nova perspectiva que enuncia. Isso não significa, contudo, que possa prescindir dela em seu encaminhamento para uma “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” que, pelo contrário, apenas por ela poderá se firmar enquanto interpretação antagônica. Afinal, admite em inúmeros momentos de sua obra que tal perspectiva seja efetivamente necessária a certos tipos de organismos. Organismos decadentes, sob os quais os espíritos livres necessitam opor-se para potencializar-se. O que indica, todavia, por sua “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” é a radicalização da potencialidade oriunda da opção por um caminho árduo, porém recompensador, que propõe que seja seguido, exclusivamente, por aquelas hordas cuja possibilidade de intensificação e proliferação estava cerceada pelo pensamento metafísico que dominava absoluto na modernidade da qual foi contemporâneo.

É essa a tensão que sente em si próprio, uma vez que, embora se considerando como o espírito livre desencadeador do movimento decisivo de projeção da flecha mediante a instauração de sua teoria dos impulsos (*Triebe*), também o arqueiro se reconhece vitimado pela própria doença que identifica assolando a modernidade. A experiência de uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)” – que constitui sua meta definitiva – só poderá ser alcançada com a completude do processo gradual pelo qual deverão encaminhar-se os espíritos livres desde a enunciação de sua teoria dos impulsos (*Triebe*). Na superação – por parte dos espíritos livres – da interpretação metafísica pela versão antagônica que sua fisiopsicologia suscita. A meta à qual Nietzsche se propõe apenas poderá ser alcançada se vivenciada em sua plenitude pelos espíritos livres. Ante o reconhecimento das duas interpretações que agora se contrapõe. Contudo, mediante a adoção incondicional de sua interpretação do mundo como vontade de potência (*Wille zur Macht*) – a qual demanda um afastamento definitivo da, até então, unívoca concepção metafísica – possibilitando, ao longo desse processo, a incorporação plena de sua “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”.

A “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”, que Nietzsche intenta instituir, preconizar e a qual luta constantemente para protagonizar, não se trata de uma interpretação a ser adotada pela totalidade dos homens. Assim como Nietzsche – enquanto organismo em constante luta para torna-se e manter-se como espírito livre – refuta a interpretação metafísica, também o homem – enquanto mantiver-se como organismo decadente, incapaz de afirmar a vida e a efetividade (*Wirklichkeit*) – refutará a interpretação nietzschiana e será incapaz de vivenciar uma autêntica “filosofia da efetividade (*Wirklichkeit*)”. São necessários tais tipos negadores da vida em suas oscilações de declínio de potência, subsistindo nessa condição, concomitantemente aos espíritos livres em constante luta para a afirmação e manutenção de seu *status*. É antagonizando-se àqueles cujos *quantas* de *quali* encontram-se num estado declinante, impossibilitando a intensificação e a conseqüente afirmação, que os espíritos livres poderão angariar forças para afirmarem-se e manterem-se nessa condição de modo mais contundente e efetivo.

REFERÊNCIAS

FREZZATTI Jr., W. A. *A psicologia de Nietzsche: afirmação e negação da vida como sintomas de saúde e doença*. In: Souza, Eliane Christina de & Craia, Eladio C. P. (Orgs.). In: *Ressonâncias Filosóficas: entre o pensamento e ação*. Cascavel: EDIUNIOESTE, 2006a, p. 65-82.

_____. *A Fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/ biologia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006b.

_____. “*O Problema de Sócrates*”: um exemplo da fisiopsicologia de Nietzsche. In: *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 20, n.27, jul./dez. pp. 303-320, 2008.

_____. Nietzsche: crítica e superação da noção de sujeito. In: BATTISTI, César Augusto (Org.). *Às voltas com a questão do sujeito: proposições e perspectivas*. Ijuí: Ed. Unijuí; Cascavel: EDIUNIOESTE, 2010a, p. 219-240.

_____. *Nietzsche e Théodule Ribot: Psicologia e Superação da Metafísica*. In: *Natureza humana*, São Paulo, vol.12, n.2, 2010b, p. 1-28.

NIETZSCHE, F. W. *A Gaia Ciência. (Die fröhliche Wissenschaft, 1881-82 e 86)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Assim Falou Zaratustra. (Also sprach Zarathustra, 1883-1885)*. Tradução Mário da Silva. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. (Jenseits von Gut und Böse, 1886)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é. (Ecce Homo, 1888)*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Fragmentos Póstumos*. Diego Sánchez Meca (org.). 2a ed. Madri: Tecnos, 2008, v. I-IV.

_____. *Obras Incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de Poder em Nietzsche*. Tradução Oswaldo Giacoia. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

_____. *Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia*. Tradução Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

_____. *Décadence artística enquanto décadence fisiológica: a propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner*. In: *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, n. 6, pp. 11-30, 1999.

WOTLING, Patrick. *Nietzsche et le problème de la civilisation*. Paris: PUF, 1999.